

Título: Pensar a Imagem Olhar o Texto – Experimentos poéticos na educação de infância

Autora: Estela Rodrigues

© 2019, Edições Afrontamento

Edição: Edições Afrontamento, Lda. / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt / geral@edicoesafrontamento.pt

Colecção: Biblioteca das Ciências Sociais / Educação / 136

N.º edição: 1942

ISBN: 978-972-36-1741-2

Depósito Legal: 453222/19

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

Março de 2019

Apresentação

Pensar a vida da profissão e olhar o seu texto
Um livro que nos ajuda a (ad)mirar

O livro de Estela Rodrigues «PENSAR A IMAGEM OLHAR O TEXTO: experimentos poéticos na educação de infância» é um dos textos mais inspiradores e desafiantes que tenho lido sobre o conhecimento profissional de uma educadora de infância.

A sua leitura ajuda-nos a compreender como uma educadora pode, na sua ação quotidiana, ajudar as crianças a Olhar o mundo, não apenas de um modo contemplativo e sensível mas também de um modo inteligente, interventivo e produtivo, baseado no lúdico prazer da descoberta e da criação. Assim, este livro assente na prática de uma educadora de infância, pode ser convidativo para professores de todos os níveis de ensino.

Alicerçado numa larga experiência e saber, revela-se como uma obra autobiográfica, de uma vida cidadã e profissional verdadeiramente cativante e que só a autora poderia ter escrito.

Estela Rodrigues forma-se como educadora de infância em 1978, conclui uma Licenciatura em Estudos Portugueses na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1986 e o mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, também na Universidade do Porto em 2009. A sua dissertação de mestrado intitulada «A Emergência da Literacia em Contexto de Jardim de Infância» mostra já o seu interesse por cruzar a área das letras com a educação de infância.

O referencial de contestação radical que é a poesia experimental e concreta em que se centra este livro não surge, penso eu, desligado da sua participação em grupos de cidadania, como associações de moradores, comunidades de animação cultural para a infância e de alfabetização de adultos.

A experiência profissional de vinte e sete anos enquanto educadora de infância, intermediados por 13 anos na formação de educadores de infância na Escola do Magis-

tério Primário do Porto, na Escola Superior de Educação do Porto, na Universidade do Minho e na Universidade de Aveiro acentuam-lhe a densidade teórico-prática que se manifesta em gerações de influências teóricas que aqui integra e a que dá sentido. Coisa rara nos dias de hoje, Estela Rodrigues mantém vivos cada um dos autores que a construíram enquanto educadora, sem se deixar ofuscar pelos autores «do momento».

O seu envolvimento em comunidades de profissionais desde 1983 – Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI), Movimento da Escola Moderna (MEM) e Instituto das Comunidades Educativas (ICE) revela, igualmente, uma profissional empenhada numa aprendizagem contínua e em cooperação e determinada a contribuir para o desenvolvimento do saber profissional, de que é um exemplo este livro.

Ao lê-lo compreende-se também como o desenvolvimento profissional está intimamente associado ao investimento cultural, ou seja, ao modo como cada professora valoriza, vive, se relaciona e se apropria da cultura no seu quotidiano, tornando-a o centro da prática pedagógica, como faz Estela Rodrigues.

A autora oferece-nos uma fecunda fundamentação teórica ancorada nos estudos sobre Poesia Experimental, Visual, Espacial e Concreta mas, também, nos campos das poéticas do sensível, do desenvolvimento de competências metalinguísticas e na emergência semiótica na infância, com especial enfoque nas linguagens gráficas (desenho, escrita e imagem). No capítulo 1, intitulado Aproximação às Poéticas Experimentais seduz-nos de imediato para um campo que, não sendo de fácil apropriação, deixa antever claras possibilidades de associação às primeiras experiências das crianças no mundo da representação gráfica. Reconhecemos em algumas características dos movimentos radicais dos poetas concretos, que a autora nos apresenta, o modo de entrada das crianças no mundo da linguagem expressiva, onde o desenho e a escrita surgem como interligados. As crianças tratam a escrita como um objeto concreto com formas/desenhos, ao mesmo tempo que lhe vão dando progressivamente o seu valor simbólico e semiótico.

Estela Rodrigues situa também o seu projeto numa experiência estética, do caminhar sensível, onde revê e reflete sobre a educação artística e estética na infância. Explícita ainda, o seu posicionamento pedagógico nesta área de risco onde espreitam diversos equívocos, já que a abordagem à escrita na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico é uma área de grandes fraturas teórico-práticas. Esta clareza pedagógica torna este livro/projeto arrojado mais transparente, porque inequivocamente situado numa pedagogia específica e, por tal, mais capaz de inspirar práticas pedagógicas interessantes.

Detenho-me agora sobre alguns elementos pedagógicos que vêm explícitos ao longo dos capítulos 4, 5 e 6 da parte II «Ajuda-me a mirar!» e no capítulo 7 da parte III onde se contextualiza a ação em que o projeto se desenvolve. É importante realçar que este projeto não surge desligado de um cenário pedagógico, de uma organização cooperada e de um ambiente literário e ideográfico presente no seu trabalho e que se enquadra no modelo pedagógico do MEM. Neste sentido é um projeto que densifica a prática mantendo a sua coerência.

As atividades de aprendizagem que a autora propõe ou promove com o grupo de crianças são experiências culturais autênticas assumidas na sua máxima complexidade, onde se entrecruzam as diferentes linguagens ou literacias/práticas semióticas de forma interligada a que denomina «verbovisuovocal». É nas atividades da cultura humana e não nos fragmentos didáticos inventados pela escola (Niza, 1996)¹ e antecipados pela educação de infância, que a autora coloca o centro da vida e do caminho de aprendizagem e desenvolvimento do grupo de crianças, sem separar o que existe junto em termos intelectuais, afetivos e até corporais. Vejamos, como exemplo, a agenda semanal onde, a partir deste projeto, surge um tempo dedicado a Artes e Artistas, que passa a integrar a exploração conjunta de obras de Poesia Experimental, Visual e Concreta. Este tempo institucionalizado faz, por sua vez, despontar projetos das crianças, inspirados nestas propostas e que são depois comunicadas ao grupo, observando-se o «efeito iogurte».

É participando em atividades culturais com a sua máxima complexidade, num jogo em que a educadora se preocupa em «nem complicar, nem facilitar» que as crianças vão aprendendo, porque desvendando em conjunto, produzindo e comunicando e, assim, cada uma, a seu tempo, configurando um novo modo de olhar o mundo. Aprender significa, assim, mudança na participação (Rogoff, 1998)² numa contínua atribuição de significados e apropriação de linguagens e vários saber-fazer, em que as crianças se vão tornando mais competentes, autónomas e responsáveis na produção dos seus experimentos poéticos.

«flui um movimento em espiral, entre o simples e o complexo, o conhecido e o novo, de modo a trabalhar na zona de desenvolvimento proximal de cada criança, e na zona de construção profissional da educadora, que aprende a ver o vulgar de outro modo, através das questões que lhe são colocadas».

Ao assumir uma pedagogia dialógica Estela Rodrigues coloca no centro as interações e as múltiplas linguagens que enquanto humanos temos vindo a desenvolver. Por isso se interessa e trabalha no sentido de se apropriar de forma profunda das mesmas, embora tenha privilegiado a linguagem escrita e a linguagem visual no seu estudo. A citação anterior remete igualmente para um de lá para cá e de cá para lá: a educadora é responsável por dar forma ou intencionalidade e por apoiar as crianças na descoberta, ou na revelação da chave dos jogos/poemas que lhes apresenta; mas está atenta e aberta a receber o outro e os seus modos de ver, a surpreender-se e a aprender com as crianças, a redirecionar as suas intenções abrindo-se ao que lhe trazem.

¹ Niza, S. (1996). O modelo curricular de educação pré-escolar da Escola Moderna Portuguesa. In J. Oliveira-Formosinho (ed.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (pp. 138-159). Porto: Porto Editora.

² Rogoff, B. (1998). Cognition as a Collaborative Process. In D. Kuhn and R. S. Siegler (eds), *Handbook of child psychology: Cognition, perception, and language* (Vol. 2, pp. 679-744). New York; Chichester: John Wiley & Sons.

É delicioso o exemplo do poema «Aranha» de Salette Tavares (1964)³ onde convidados a significar «arre, arre, arre, arre,» que compõem as patas da aranha, uma criança disse que as vírgulas eram os pelos das patas. A educadora, aceitando a interpretação, pois para os poetas concretos e visuais poderiam mesmo ser pelos... não deixou contudo de explicar o que significava uma vírgula e as crianças aprenderam a ler fazendo a respetiva pausa.

É neste jogo de *ping pong*, em que a bola é lançada pela educadora ou pelas crianças mas devolvida ao seu interlocutor, que se dá este diálogo: «tu colas o teu “ping” aí e eu colo o meu “pong” aqui. As duas brincámos o texto-imagem concretizado pela bola respigada na caixa de objetos a reutilizar e ressignificar». Procurando que a criança deseje continuar o jogo, faz da escuta atenta um antídoto à surdez, diluindo o risco que este projeto poderia ter de se tornar apenas um jogo/brinquedo da educadora, como reflete lucidamente a autora. Quem define o nível de complexidade é o diálogo com a criança, o sentir e o sentido atribuído e o caminho em curso e não uma ideia pré-concebida, por exemplo, sobre o nível associado à idade. É assim, num exercício de comunicação autêntica que, em diálogo, se vai construindo a prática educativa cultural narrada neste livro.

O processo de apropriação-criação dos objetos culturais implica um prestar atenção, um distinguir sem fragmentar e, sobretudo, uma dimensão lúdica no sentido da desconstrução/construção, do virar de pernas para o ar, do possibilitar de novos caminhos e configurações. Brincar constitui parte integrante da poesia experimental e concreta e, por tal, talvez seja essa a razão pela qual as crianças se foram apropriando deste tipo de poesia, uma vez que brincar é um modo próprio da criança se relacionar com o mundo físico e social. Quero realçar que o lúdico, o brincar, não devem ser vistos apenas como processos naturais de quem ainda é criança mas antes, como uma capacidade humana sofisticada, em que este processo de construção-desconstrução-construção implica conhecer as regras para as poder perverter; para brincar com a linguagem ou com a imagem-texto é preciso olhá-la de fora e conhecê-la num jogo de questionamentos entre «o que é isto?» e «o que é que eu posso fazer com isto?» ou no sentido inverso, «o que é que fazemos com isto?» seguido de um processo analítico em interlocução que pergunta «o que é isto?».

Esta dimensão lúdica atravessa todo o livro também enquanto característica apurada da personalidade da educadora/autora que adota um estilo por vezes metalinguístico, onde olha de forma reflexiva e com humor para a sua prática com as crianças. Assumindo esta necessidade de brincar com as ideias e os objetos afirma, por exemplo, que os poemas visuais e concretos foram no início um «objeto-brinquedo da educadora».

Importa, ainda, chamar a atenção para o seu papel. Em primeiro lugar o papel subversivo de quem se recusa a promover a reprodução da cultura de massas, desafiando as crianças para viagens por caminhos ainda não valorizados. Estela Rodrigues expressa

³ Tavares, S. (1964). Brin cadeiras. António Aragão, Herberto Helder (org.), Cadernos de Poesia Experimental, 1.

este desafio reconhecendo que «o desenvolvimento é fortalecido quando as crianças têm oportunidades frequentes para conversar sobre coisas que lhes sejam familiares e importantes» mas também que:

«os objetos de conhecimento/sentido estético e o carácter subversivo das Poéticas Experimentais são estranhos e, em certa medida, desconstrutores de estereótipos das culturas de pertença contagiadas por padrões veiculados por determinados estilos de vida e pelas indústrias de entretenimento. Assumo essa desconstrução como educadora que se demarca da tarefa de reprodução massificadora».

Se assim não fosse poderíamos estar a privar as crianças de aceder a mundos outros que não os das suas culturas de nascimento.

Como aproximar então objetos estranhos dos mundos das crianças, promovendo o seu interesse por estes? Nos exemplos que nos dá no capítulo 8 «Experimentos poéticos e saberes partilhados» podemos ver que a escolha desses experimentos tem por base o pensar nas crianças e o que as pode (co)mover, interessar. Vimos que Estela Rodrigues, sabiamente, começa com «poetopráticas experimentais» associadas ao nome próprio – «Trabalhos que o nome dá», «O espelho do nome», «Do mar sai o nome», «Pedra pedro pedreira». O Nome e a sua escrita é um elemento especialmente significativa e identitário de onde partem muitos interesses e questionamentos sobre a linguagem escrita. Outro elemento constante nos experimentos é o gesto e o corpo em movimento, sabendo que na infância se aprende com o corpo todo – em «Poemas-gesto», «rasgado» ou «enrolado»; «Danças, tonturas, giros e vira-ventos». Ainda, em os «Poemas com terra» e em «A “Fábrica” e os objetos-texto» vários são os experimentos que garantem a ligação ao concreto partilhado entre os poetas deste movimento estético e as crianças. Se alguns experimentos surgem da apresentação de um poema concreto ou visual de um poeta reconhecido, muitos emergem a partir de objetos trazidos pelas crianças, de explorações que fazem nas suas escritas ou de notícias que trazem para contar aos colegas e se escrevem em modo poema visual.

Para além do papel de mediador cultural que estabelece pontes entre os universos próximos das crianças e os mais distantes, importa realçar também o papel de «ajudar a mirar» expresso no poema de Galeano «Ajuda-me a mirar». Para que a educadora consiga ajudar a mirar, ela tem necessariamente que saber olhar de outro modo e isto implica conhecimento e cultura. Estela Rodrigues refere:

«(...) todos vemos estrelas, nem todos vemos constelações, todos metemos os pés na areia, por vezes a cabeça, nem todos lhe notam a origem nas rochas e sua composição, todos comem laranjas, nem todos lhe analisam o design, todos soletram, nem todos admiram a identidade das letras, todos leem de cima para baixo, nem todos de trás para a frente, ou de pernas para o ar».

Quando uma paixão levada a sério é partilhada com as crianças os frutos são surpreendentes. Este livro mostra o que Bruner nos diz «é possível ensinar qualquer assunto, de uma maneira intelectualmente honesta, a qualquer criança (Bruner, 1987: 33)⁴. Depois de ler este livro, e de apreciar os Experimentos poéticos e saberes partilhados que Estela Rodrigues desenvolveu com as crianças dos seus grupos, já nada fica como antes: as suas escritas ganham novas belezas, os objetos que trazem de casa abrem-se a novas possibilidades, os jogos com as palavras multiplicam-se e, um espaço de liberdade, criatividade e prazer amplia-se oferecendo um novo modo de olhar o mundo.

Enquanto testemunho biográfico fica o desafio para que cada um/a de nós escreva sobre o que faz, como faz e porque faz na profissão «movimentando-se numa espiral autorreflexiva de conhecimento e ação» mas também, assumindo o risco de ir mais além na sua própria formação cultural e na partilha dessa aventura com as crianças.

Agradeço a Estela Rodrigues esta partilha e a viagem guiada pela poesia experimental e concreta que desconhecia! Agradeço sobretudo por nos ter ajudado a pensar a vida, também da profissão, e a olhar o seu texto com este livro que nos ajuda a (ad)mirar.

Maria Assunção Folque

Professora auxiliar na Universidade de Évora e membro do Centro de Investigação em Educação e Psicologia (CIEP-UE).

Doutorada em Educação pelo Institute of Education, University of London

⁴ Bruner, J. (1987). *O Processo da Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.